ERA DAS MÁQUINAS: Uma análise do isolamento social em disconnect

Gabriela Chagas¹

Jesilane Durães¹

Albert Drummond²

A vida de um casal entra em perigo quando sua vida privada é exposta online, uma viúva e antiga policial descobre que seu filho humilha um garoto da escola pela Internet, um advogado obcecado por seu telefone não consegue se comunicar com a própria família, e uma jornalista vê sua vida se transformar quando ela pesquisa a história de um adolescente que faz atuações eróticas pela webcam. (DISCONNECT, 2012)

Essa é a sinopse dos fatos narrados no drama Disconnect, de 2012. Todos eles têm em comum os efeitos perversos do uso excessivo da tecnologia. Desse modo, o filme aborda temas como isolamento do ser social e valorização do ser individual, pois as histórias têm como cenário principal o uso inconsciente da internet.

Nele, o cineasta Henry Alex Rubin retrata esse excesso demonstrando como a sociedade pós-moderna adere às novas tecnologias, sem refletir sobre os perigos que advêm dessa prática. E alerta para o risco de não ser possível saber seguramente quem está do outro lado da tela nos perfis das redes sociais, e, até mesmo, para uma possível exposição ao *cibercrime*.

O enredo evolui a partir de três histórias foco. Nina (Andrea Risenborough) é uma ambiciosa jornalista da televisão local que faz uma reportagem investigativa sobre *sites* e *chats* pornôns que recrutam menores de idade, muitos deles, fugitivos. Ela estabelece uma conexão com Kyle (Max Thieriot). Após se encontrarem, Nina o convence a participar de uma entrevista, sob a promessa de manter sua identidade em sigilo. Entretanto, quando as imagens são exibidas pela CNN - algo importante para a carreira da jornalista - chamam a atenção do FBI, que passa a pressioná-la a revelar sua fonte. Tudo se complica com o envolvimento afetivo de Nina com Kyle.

O advogado dessa rede televisiva, Rich Boyd (Jason Bateman), é acionado. Mas ele tem problemas mais urgentes para resolver com o filho, o adolescente Ben (Jonah Bobo), um solitário aspirante a músico. Sem amigos na escola, o jovem é humilhado por

¹ Graduandas do 2º período de Pedagogia (PUC Minas).

² Orientador.

outros alunos que decidem preparar-lhe uma armadilha virtual. Inventam um perfil feminino na internet e começam a mandar mensagens para Ben. No início, a personagem criada para perfil se diz admiradora da sua música. Após criar um vínculo, lhe enviar uma foto, supostamente sua, na qual aparece nua. Ela pede para que ele faça o mesmo. Rapidamente, a foto de Ben é espalhada pelas redes sociais, devastando-o emocionalmente, a ponto de levá-lo a uma tentativa de suicídio.

Mike é pai de um desses meninos que planejam o *cyberbullying*. Antigo policial que trabalhava no Departamento de Crimes Informáticos, hoje ele é um detetive privado e será o investigador das fraudes com cartões de créditos de um casal, Derek e Cindy, profundamente abalados pela perda do filho. Suas identidades e informações pessoais foram roubadas e suas contas bancárias limpas por meio de *vírus* baixado, acidentalmente, em salas virtuais de bate papo de grupos de apoio emocional. Embora identificado o autor, o detetive nada pode fazer judicialmente, pois não há provas concretas do crime virtual. Então, o casal decide fazer justiça com as próprias mãos, o que acaba por aproximá-los novamente.

O filme apresenta um lado assustador e cruel desencadeado pelo uso sem controle, inconsequente da internet. Retrata dramas reais que afetam toda uma estrutura social e familiar. Vidas destruídas por um simples toque de tela. Além disso, mostra como a tecnologia moderna, que deveria servir para unir as pessoas, acaba fazendo com que elas se afastem e se isolem cada vez mais do mundo.

Aqui se faz necessária uma reflexão. O mundo virtual parece seguro e prazeroso. Oferece possibilidades infinitas de acesso a informações e produtos. Leva o sujeito à falsa sensação de poder, de importância, de exclusividade, de completude, de estar próximo do mundo e das pessoas. Porém, a realidade mostra o individualismo e a solidão dos homens como uma tendência marcante das sociedades contemporâneas.

Estamos vivenciando a chamada "*era do vazío*", termo utilizado pelo sociólogo francês Lipovetsky (1989), teórico da hipermodernidade e autor de vários livros sobre o tema, nos quais analisa a sociedade pós-moderna, marcada, segundo ele, pelo desinvestimento público, pela perda de sentido das grandes instituições morais, sociais e políticas, e por uma cultura aberta que caracteriza a regulação "*cool*" das relações humanas, em que predomina a personalização dos processos de socialização.

Na verdade, o que temos é nossa vida exposta sem que possamos controlar isso. O “mundo” nos conhece. Sabe nossos dados pessoais e íntimos, possui nossas fotos, conhece de nossos sonhos, sabe das nossas lágrimas e sorrisos, dos medos que temos e, principalmente, qual será nosso próximo passo.

Nesse sentido, o filme explora um paradoxo fundamental: como, em uma sociedade na qual os indivíduos criam múltiplas e simultâneas formas de conexão, pode reinar tanta incomunicabilidade e desconexão?

Nas últimas décadas, o isolamento social pode ser presenciado através do processo de personalização pelo qual a sociedade contemporânea vem passando. Um grande número de pessoas prefere experimentar uma rotina solitária. Entretanto, o individualismo e o receio de estabelecer laços e compromissos com o outro, acabam transformando a solidão em uma opção mais confortável para o indivíduo.

A partir desse pressuposto, nos resta refletir sobre quem somos? Estamos sendo dominados pelas máquinas ou seríamos nós as mesmas? Se a tecnologia é ferramenta que veio para facilitar a rotina do indivíduo, seja no campo profissional ou no pessoal, por que não a adaptamos à nossa rotina ao invés de nos tornarmos escravos e termos que nos adaptar às suas exigências.

Pensando assim, nós somos as máquinas. E, na era das máquinas, o vazio impera na vida do sujeito e em suas relações. O homem que se considera livre, na verdade é um escravo moderno, que facilmente se deixa manipular, que entrega sua essência em prol da oportunidade de estar conectado e de ter acesso ao que a sociedade e os grupos de dominação social oferecem. Essa manipulação ocorre de forma sutil e imperceptível a ponto de acreditarmos que a tecnologia, de fato, supre as relações humanas. Apenas não se sabe até que ponto isso acontece.

Estamos cada vez mais vazios de sentimentos, de valores, de ética, de conteúdos significativos. Lipovetsky (1989) menciona a perda do sentido da continuidade histórica. O sentido histórico foi abandonado, da mesma maneira que os valores e as instituições sociais. O narcisismo enfraquece a capacidade de lidar com a vida social, torna impossível toda distância entre o que se sente e o que se exprime. É aí que se encontra uma armadilha, pois quanto mais os indivíduos se libertam das regras e dos costumes em busca de uma verdade pessoal, mais seus relacionamentos

se tornam fratricidas e associas. Sempre exigindo mais imediatismo e mais proximidade, esmagando o outro sob o peso das confissões pessoais, deixamos de respeitar a distância necessária para manter o respeito pela vida particular dos demais: o intimismo é tirânico e incivilizado.

A civilidade é a atividade que protege o “eu” dos “outros” e nos permite o prazer à companhia das demais pessoas. Não satisfeito em produzir isolamento, o sistema engendra seu desejo. O desejo impossível que, no instante em que é alcançado, revela-se intolerável: o indivíduo quer ser só, sempre e cada vez mais só, ao mesmo tempo em que não suporta a si mesmo estando só. A essa altura o deserto já não tem mais princípio ou fim.

O sentido da vida e das relações se perde em meio à necessidade doentia de consumo. Ele almeja ser reconhecido, ter e seguir os padrões regidos pela ditadura da sociedade contemporânea, individualista, consumista e, acima de tudo, escravizadora de corpos e almas. É perverso o modo como, de forma passiva, somos usados, manipulados e levados à autodestruição. A arma de que a elite dominadora dispõe é sutil e infalível, exatamente porque é a quem interessa esse tipo de sociedade e de sujeitos. Os meios de comunicação e o poder da informação, através de máquinas cada vez mais atraentes e hipnotizadoras contribuem para essa dominação.

E onde estaria a solução para estas questões? Em casa? Na sociedade? Na escola?

Acreditamos que todas essas respostas estão corretas. É evidente que, através da educação, possa se iniciar uma reflexão para a transformação desse quadro entristecedor. É educando o indivíduo que faremos dele um cidadão consciente de seus direitos e deveres. Sendo assim, ele se tornará um cidadão participativo e ativo na sociedade.

O filme mexe com emocional de quem o assisti na medida em que nos leva a refletir sobre a realidade de nossas vidas, nossas relações, e, principalmente, sobre a verdadeira face da sociedade, cada vez mais vazia e dominada pelas máquinas da era da informação. O que percebemos é que, muitas vezes, não conseguimos estabelecer um limite entre a identidade da máquina e a nossa própria identidade.

As máquinas e a internet nada mais são do que criações humanas e, como tais, refletem todos seus desejos e ambições. Na verdade, fica um questionamento: será que criação superou o criador e agora o domina?

As relações sociais não podem deixar de existir e, muito menos, serem substituídas ou supridas pela tecnologia. O homem precisa enxergar e compreender esse limite para poder se livrar dessa identidade virtual que se cria e, assim, acompanhar o ritmo dessa nova era, ou seja, assumir o seu lugar de dominador e não o de dominado. Nesse sentido, Disconnect faz uma reflexão sobre a importância do “Ser humano” conectar-se para a vida.

FONTE

REFERÊNCIAS

DISCONNECT. Direção: Henry Alex Rubin. Estados Unidos: LD Entertainment, 2012. 1 DVD (115 min.): son., color., NTSC. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-180755/>. Acesso em: 14 nov. 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'Água, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarolla, 2004.